



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envol fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

12 de Junho de 2004 • Ano LXI • N.º 1572
Preço: € 0,30 (IVA incluído)

Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Fundador: Padre Américo • Director: Padre Acílio • Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560-373 Paço de Sousa
Tel. 255752285 - Fax 255753799 — Cont. 500788898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239

Dia Mundial das Comunicações Sociais

HÁ trinta e oito anos que a Igreja associa à Ascensão do Senhor este Dia de reflexão sobre o dever que Ele cometeu aos Seus Discípulos ao despedir-Se deles: «Ide, pois; ensinai todas as nações, baptizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo; ensinai-as a cumprir tudo quanto Eu vos tenho mandado. E Eu estarei sempre convosco até ao fim do mundo» (Mt 28/19, 20).

Marcos e Lucas encerram os seus Evangelhos com o relato da Ascensão e confirmam a mensagem.

Jesus «safu do Pai e veio ao mundo» para comunicar e dar-Se em comunhão com os homens. Agora «deixa de estar visível aqui e volta para o Pai, a Cujas direitas está 'deglutiuens mortem' — engolindo a morte para que nos tornemos herdeiros da vida eterna»

(I Pedro 3/22). Aqui, «morreu uma só vez para resgate dos nossos pecados» (I Pedro 3/18). LÁ, e até ao fim do *Tempo*, permanece a Sua comunhão connosco, plenamente activa, para que o nosso itinerário pascal termine aonde o Seu.

Ficou-nos, pois, a missão de comunicar. E se só há 38 anos tal é sublinhado pela comemoração de um Dia Mundial, não é porque a missão seja nova ou só então tenha merecido cuidados aos Responsáveis da Igreja, mas, certamente motivada pela «expansão sem precedentes do mercado das comunicações nas últimas décadas», que oxalá fossem somente e sobretudo uma *riqueza*, mas são também um *risco*. Este é exactamente o tema específico da mensagem papal para este 38.º Dia Mundial: «Os *mass media* na família — um risco e uma riqueza».

O Papa fala em «mercado» — e aí está o «risco». Mercado sugere comércio. Comércio pressupõe interesses. O lucro agiganta-se como objectivo. E seja o lucro expresso em moeda, ou em poder, ou em influência social, ele é sempre uma fonte de desvios, mormente quando aquilo que se oferece e se procura, é essencialmente valor do espírito.

Se na generalidade dos comércios a Honestidade é fundamento da dignidade das acções praticadas e de tranquilidade para os que nelas intervêm — como não há-de ser *a fortiori* a exigência dela na Comunicação, quer na sua vertente de informar, quer na de exprimir opinião? Como despi-la de uma realidade que a deve impregnar: a Ética?

Na função de informar, a verdade é alicerce insubstituível, o que não dispensa o conhecimento do que se noticia. Conhecimento não é fantasia, palpíte, probabilidade... Custa tempo e não se dá facilmente com a «glória» da notícia «em primeira

Continua na página 4

CALVÁRIO

Pausa

NA era digital tudo é rápido. Carregando numa tecla, logo surge uma imagem. Premindo noutra, tudo aquilo se some para dar lugar a nova imagem. Aos dedos só é pedido um ligeiro esforço e agilidade. Com a ponta dos dedos colocamos ao nosso dispor o mundo todo.

O síndrome do rápido, do momentâneo é doença do nosso tempo, do tempo que corre veloz, da sociedade em que vivemos.

Não há, pois, tempo para reflectir. Uma notícia é lida ou ouvida, logo aparece outra que faz esquecer aquela. Encontramo-nos numa época de memória curta, passageira, efémera. As consequências são muitas e tocam em vários domínios.

O nosso mundo anda nervoso, porque lhe debitam informações demais, que ele já não é capaz de digerir cabalmente. Ora, o cristão tem de parar para reflectir sobre aquilo que lhe é dito da parte d'Aquele que mora fora do tempo e para quem tudo é perene.

O cristão tem de perceber que o seu caminho são passos que dá ao encontro d'Aquele que é a Verdade total.

Parar para reflectir é bem necessário, pois. Mas, tantas vezes, o homem de hoje tem medo de o fazer, de se encontrar consigo próprio porque pode então ver mais clara a sua fragilidade.

No final do dia, é costume em nossas Casas reunirmo-nos para a oração. É um momento precioso e reconfortante esta pausa. Paramos diante do Senhor do Tempo e da Vida para vermos melhor onde estamos, nas mãos de Quem vamos caminhando e como Ele é bom e nos vai dando a alegria de viver.

O homem precisa de se encontrar consigo mesmo para saber quem é e para onde vai a sua caminhada. Mas rezar é sobretudo escutar Deus a orar-nos, a pedir-nos que O descobramos, pois Deus também reza para nos dizer que nos ama e deseja a nossa correspondência porque não quer que nos percamos no emaranhado das nossas vidas.

Rezar é escutar Aquele que sabe do que precisamos muito antes do lHO pedirmos. Ora nem sempre estamos atentos ao que Ele deseja das nossas vidas.

Faz-nos bem esta pausa vespertina.

Padre Baptista

SETÚBAL

A criança precisa duma família

VAMOS receber um rapaz de 12 anos. Viveu os últimos anos numa Obra que o acolheu. Aos fins-de-semana e férias ficava aos cuidados de famílias amigas da Obra, por esta fechar nesses períodos.

O pai foi proibido pelos tribunais de o contactar pessoalmente. A mãe, doente grave, foi acolhida num Lar. Uma irmã quis saber dele. Esta é a situação que o nosso pequeno tem vivido. Vidas de solavancos...

O rapaz tem necessidade, tal como toda a criança, de uma família. Precisa desse equilíbrio afectivo-emocional que só a família lhe pode incutir. Andar aos repelões, de um lado para o outro, não lhe dá condições para que se faça um homem.

Família, quanto mais cedo melhor. Se isso não foi possível desde o nascimento, não deve tardar a dar-se-lhe. Arranjar soluções provisórias, tantas vezes tidas como as melhores, cuidando das crianças por fases, por faixas etárias, não é ter da vida a visão do todo que a constitui, desde a geração até à eternidade.

Continua na página 4

Festas

Lisboa

13 de Junho — Domingo, 15.30 h, Salão da Igreja de MASSAMÁ.

Setúbal

19 de Junho — 21.30 h, Auditório da Anunciada, SETÚBAL.

26 de Junho — 21.30 h, Grupo Desportivo de Sesimbra, SESIMBRA.

PRATICANDO O BEM

Visita a São Tomé

O pedido insistente, várias vezes e de diversos modos repetido, pelas autoridades civis de São Tomé e Príncipe para que me deslocasse àquele País, obrigou-me a integrar uma equipa de cooperação entre entidades portuguesas e daquele País e a deslocar-me, lá, de 14 a 18 de Maio, passado, sem qualquer despesa minha ou da Obra.

Sabendo, com desgosto, da carência de meios humanos para criar uma Casa do Gaiato naquela Nação, não ignoro a enorme riqueza espiritual que a Obra da Rua possui nos domínios da educação e formação dos rapazes da rua sem família — dom que devemos repartir com toda a Humanidade — muito mais com os povos a quem estivemos ligados, como nação, durante cinco séculos.

Avisei os meus convidantes que não iria a São Tomé passear, mas visitar os Pobres, ver as obras sociais em curso, especialmente as que me relatavam, e dar o meu contributo fraterno e franco mais no domínio do aconselhamento e orientação do que no compromisso de estender até lá, à semelhança do que acontece em Angola e Moçambique, estruturas da Obra da Rua.

Esta Obra é filha natural da Igreja católica. Nasceu nela, dela e vive, ainda, do sangue suor e lágrimas da mesma Igreja.

Ora, a Igreja está em São Tomé. O Povo de Deus também é santomense. É esse Povo santo que há-de criar, com a acção do Espírito, homens e mulheres que amem as suas crianças desprotegidas e, por elas, renunciem a tudo o que é mundano, para serem pais e mães de família daqueles que não têm

família, por amor de Deus que está especialmente em cada um deles.

Para pregar este ideal do Padre Américo, vale a pena correr o mundo todo, quanto mais ir àquelas ilhas.

Não é meu desejo lembrar a história daquele Povo, nem avivar feridas em ninguém, mas há dores que se perpetuam e se apalham pela evidência.

A terra e o clima são dos mais férteis que eu já vi. Uma verdadeira e permanente estufa onde a natureza vegetal, alimentando-se abundantemente a si própria, dá ao homem durante o ano inteiro o alimento necessário com pouco trabalho e sem necessidade de grandes engenhos.

O mar é tão rico que a simples pesca artesanal rudimentar, alimenta facilmente a população de peixe fresco.

As habitações do Povo são quase todas construídas em madeira, material abundante ali, e de forma curiosa: — para evitar o seu arrastamento nas frequentes enxurradas de chuvas diluvianas, as casas são construídas em cima de pilares de madeira espetados no

Continua na página 3

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

CONTA DA FARMÁCIA — Fomos à botica por mor dos Pobres. Temos doentes que precisam de remédios para sobreviverem.

Com os olhos e a cara tristes, desabafa a farmacêutica: — *O mês de Maio subiu para além do normal...!* Como se fosse ela própria a saldar o débito da factura de quinhentos euros...!

PARTILHA — Cinquenta euros, da assinante 1121, de Vila Nova de Gaia, «para ajudar um pouquinho a vossa Conferência do Santíssimo Nome de Jesus».

Vinte e cinco euros da assinante 72561, de Leça do Balio.

Idem, do assinante 53241, do Luso, «contribuição do mês de Maio, que utilizarão em conformidade com as necessidades mais prementes, do muito que têm a que atender.»

Do Porto, mais cinquenta euros para ajuda da conta da farmácia, pela mão do assinante 13862. Este bom Amigo diz: «não necessitam de enviar recibo nem agradecer». Delicadeza e amizade.

Mais vinte euros «pequena oferta dos meses de Maio e Junho. É somente uma pequenina migalha, mas dada com muito carinho para os nossos irmãos mais necessitados».

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes



Érica Fontes, filha do Luís Fontes, de Santo Antão do Tojal.

TOJAL

CAMPO — Já se começou a cortar o feno, agora que o Verão está próximo temos de aproveitar, antes que o pessoal vá de férias. Para além do feno, temos também a batata, a cebola e o alho para apanhar.

ESCOLA — O último período está mesmo no final.

Uns, tiveram bom aproveitamento; outros, «Jesus não me abandone», um ano que a corrente das águas do rio levou para lembrança dos nossos fracassos.

VERÃO — Nós pensamos nas férias: Praia, lazeres, desportos da época, etc. Na nossa Casa não nos sentimos indiferentes, os rapazes arregaçaram as mangas e mãos à obra. A tarefa principal, para depois travar o calor, é limpar a piscina, a fim de matar os nossos desejos da época. A nossa piscina está quase cheia!

OFERTAS — O amor deus-nos a nós o Senhor, no Seu sacrifício devolveu a vida aos mortos, essa oferta única e incomparável. Hoje, quando se fala de amor, as pessoas sentem-se perturbadas, confusas, duvidosas, as raízes estão secas, o azeite já não arde... Mas no meio de tudo isso as línguas de fogo continuam a cair e a dizer que: «O amor é para dar, o amor é partilhar, é receber, é fazer sorrir o Próximo». Agradecemos imenso as ofertas que nos têm dado. De referir a grande oferta de quinze ovelhas que recebemos e dizer o nosso muito obrigado.

Nas nossas Festas também nós pretendemos oferecer uma palavra amiga, uma palavra de esperança; dar a conhecer as nossas habilidades, afinal não somos só os rapazes da rua que não sabem fazer nada e, se vós agradeceis, agradecemos também o não se esquecerem de nós.

Abílio Pequeno

SETÚBAL

LIMOEIROS — À frente da nossa Casa caiu um limoeiro. Já tinha muitos anos. O «Gâmbia» resolveu meter-se em cima dele. Como o limoeiro já era velho, não aguentou com o peso e caiu. Vamos ver o que se irá plantar no seu lugar.

FUGITIVO — Temos cá um rapaz que anda sempre metido em sarilhos. Como já é habitual, mais uma vez resolveu fugir. Foi com um amigo, nosso vizinho, da laia dele. No dia seguinte, à noite, o Garcia foi ao café e encontrou-o lá. Contou aos mais velhos e estes foram buscá-lo. Vamos lá ver se é desta que o Guedes ganha juízo.

VIVEIRO — Vai aumentando a população dos pássaros. O Fernando, quando foi levar os rapazes à escola, apanhou um melro. Na esperança de que ele venha a cantar muito bem, meteu-o na gaiola para o criar. Se for macho, será um grande cantor.

FESTAS — As nossas Festas têm corrido muito bem. Os rapazes gostam de dançar e cantar. As pessoas que assistem, gostam de tudo, mas riem-

PAÇO DE SOUSA

MÊS DE MARIA — Durante o mês de Maio, rezámos o Terço do Rosário, em honra de Nossa Senhora, na nossa Capela. A maioria dos rapazes foram ao ambão enunciar cada mistério e uma prece própria. Estiveram interessados e alguns queriam apresentar mais do que uma vez. É assim que vamos aprendendo a rezar e a fixar os mistérios da vida de Jesus. É um bom momento de paragem da nossa Comunidade, ao cair da tarde, cujo centro é a vida espiritual, como diz Pai Américo.

Rolando Filipe

DESPORTO — Na nossa Aldeia, por vezes, parece que «ninguém é de ninguém», mas nós, formamos a maior e mais exemplar comunidade, exactamente como Ele desejaria que procedessem todos os homens...

Serenamente, sabemos ser alegres e a satisfação em que vivemos, conduz-nos à felicidade pela vida fora. Que o digam muitos daqueles, que, embora casados e com a vida organizada fora dos portões, procuram a convivência nesta Casa para recordar outros tempos.

Ainda no Domingo passado, quando começou o jogo que os Iniciados realizaram com o S. C. Mateus (Vila Real), ninguém estava em redor do campo. Pouco depois, e aos poucos, foram aparecendo para aplaudir a equipa da casa. Muito gosto, sem dar nas vistas, de sentir que todos se doem uns pelos outros, ordeiramente, com calma e com



Grupo que visitou o Parque Biológico de Avintes

civismo, como manda a regra da boa educação. Até parece que o sangue que corre nas veias de cada um é do mesmo pai e da mesma mãe.

Foi rodeado por todos eles, que os Iniciados ganharam, apesar de não ter sido fácil. «A alegria em redor do campo, é meia vitória». Quem o disse, foi um dos intervenientes no espectáculo desta tarde. Eles sentem o calor dos outros..., quando transmitido com amor e carinho. Os Rapazes precisavam de quem os compreenda, conversando com eles, com calma e com conversa adequada a cada um e a cada caso. Pai Américo dizia: «Não há Rapazes maus». Por vezes, até parecem que são..., mas não são! O que é preciso é saber e ter vocação para lidar com eles.

Dizia o nosso Padre Manuel António, no seu artigo, há uns tempos atrás, que: «A razão de ser de toda a beleza e grandeza que enchem os olhos está na riqueza escondida no coração dos pequeninos da rua. Por causa deles e para eles é tudo o que se vê. Encontramo-nos com eles todos os dias. Temos que os amar onde eles estão. Temos que dar a mão para os levantar. E, na medida das nossas posses, ir mais longe, sempre mais longe.»

VISITA DE ESTUDO — Exactamente. Foi o que aconteceu, no passado dia 16 de Maio, ao Parque Biológico de Gaia. Tudo pensado e organizado pela professora Glória e seu marido.

É normal ouvir dizer a todas as pessoas que trabalham durante a semana que: «Nunca mais é sábado...» — para descansar, claro! Este casal, mesmo assim, e com um encantador rebento de dezoito meses, ainda arranja tempo e disposição para dedicar as manhãs de sábado a um grupo de Rapazes, dando explicações, para os ajudar a preparar melhor o dia de amanhã. Oxalá os Rapazes aproveitem!

Para além de tudo ser feito com dedicação, amor e carinho, é gratuitamente! Quem dera que toda a gente tivesse a coragem de ocupar os chamados «tempos mortos» dos Rapazes, desta maneira... tão simpática!

Alberto («Resende»)

-se muito quando o Luís Filipe anda à procura da pulga acrobata no meio da plateia. Hoje, dia 12, estaremos em Alter do Chão, que é a nossa mais longa deslocação.

CAMPO — O Amândio todas as noites põe a máquina a regar o milho. O tomate está a crescer bem, assim como o feijão. Ainda temos a fava e a ervilha para colher. A batata do pomar das macieiras já foi arrancada. No trabalho do campo não temos mãos a medir.

João Paulo

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Nesta vida em que andamos, será que pensamos, que ao sairmos do ventre das nossas mães, somos apenas umas criaturinhas pobres, nuas, desvalidas?

Será que pensamos que tudo o que temos e desfrutamos, foi

Deus quem colocou ao nosso alcance para nosso uso?

Não nos esqueçamos que nada é nosso. E aquilo que Deus pôs ao nosso dispor, deve ser usado de forma que seja ao serviço do mesmo Deus.

O nosso coração deve manter-se sempre pobre das coisas materiais, mas rico nas de Deus, do Seu Amor, do desejo do Seu Reino, e fazer chegar esse desejo aos nossos irmãos.

Se o nosso coração nasce pobre, porque deixamos que ele se encha de coisas vãs, de coisas banais, do materialismo, que logo nos leva ao ódio, à desgraça ou à infelicidade?

O Senhor diz-nos, se tens o coração pobre disto tudo, tens o coração cheio de riquezas do Amor de Deus.

Nós, por vezes, fazemos do nosso coração um cofre de falsas riquezas, de desejos defeituosos, de enfeites, de fantasias baratas. Depois, já lá não cabem

as jóias verdadeiras, o ouro verdadeiro que são a Palavra e a vontade de Deus de fazer do nosso coração um cofre rico em sabedoria e amor ao Próximo.

Já é tempo de esvaziarmos esse cofre de todas essas falsas riquezas, ou falsos desejos. Só assim, Deus arranjará lugar para guardar aí as verdadeiras riquezas: os desejos de amor a Deus e de Santidade que são a Justiça.

Só assim, sentimos fome e sede da Palavra de Deus, e só assim, Ele nos poderá saciar.

Pai Américo, deu-nos o exemplo, ao esvaziar o seu coração (cofre) de toda a riqueza vã. Encheu-o de amor ao próximo, ao desvalido, ao necessitado.

Seguiu o seu exemplo o nosso Padre Carlos, que há dias completou 50 anos de Sacerdócio e de dedicação aos desprotegidos da sorte. Ele que como Engenheiro Electrotécnico tinha a sua independência assegurada.

É assim também o exemplo de todos os Padres da Obra da Rua. Abandonando as suas famílias, enchem o coração de pobreza para depois o abrirem aos rapazes que necessitam desse amor.

Só assim o Senhor faz maravilhas nos nossos corações. Enxuga todo o nosso pranto.

Tiragem média d'O GAIATO, por edição, no mês de Maio, 61.400 exemplares.

Praticando o Bem

Continuação da página 1

chão, a mais de um metro de altura, autênticas construções palustres.

Os hábitos de trabalho e responsabilização são mínimos, embora, talvez mais elevados, que noutros pontos de África. As pessoas vivem do comércio, da pesca e de uma pequena, rara, e rudimentar agricultura. Vi homens a construir as referidas casas, cortando a madeira com serrotes manuais e usando uma técnica corrente na nossa era, dos anos quarenta do século passado.

A visita a três roças completamente abandonadas evidenciaram-me, amargamente, a ausência de estruturas humanas de comando e organização.

O ócio torna-se, como sempre e em todo o mundo, o pior inimigo do homem.

Os machos geram crianças e deixam-nas entregues às mães como em toda a parte do

mundo, mas, aqui, de forma mais flagrante e protegida pelo ambiente cultural que dá aos homens a possibilidade, sem qualquer embaraço, de ter meia dúzia de mulheres.

Se as mães morrem e a família alargada se desmoraliza, aí temos muita criança desamparada. Que as há.

Encontrei uma obra: — Associação da Criança Desamparada. A funcionar nos moldes dos Centros de Acolhimento, em Portugal: — Sem espaço, sem natureza, sem desafogo de vistas e vigiadas por técnicos, salvo a Directora, uma verdadeira mãe a sofrer com os seus meninos, mas dentro das regras impostas e limitada, ainda, pela sua família e filhos naturais.

Só por esta visita, valeu a pena a minha ida.

O senhor Ministro, homem que me pareceu sensível e interessado, ouviu com atenção e humildade os meus reparos.

TRIBUNA DE COIMBRA

Dantes não havia «Dias Mundiais»

QUANDO nós éramos crianças não havia «dias mundiais» de nada. O mundo era ali tão perto...! Tudo parecia estar à mão, sem distância nem entraves. Uma simples bola partilhada, quantas vezes, a pé descalço, dava para perceber que o mundo era redondo e a todos pertencia. O adro da aldeia era um estádio perfeito.

Mas quando crescemos, cresceu connosco o olhar sobranceiro. Mudámos e o nosso mundo também. Tudo deixou de ser tão apetecível e suficiente. A ambição desmedida tomou conta. Mudaram-se as balizas e as marcações de campo ficaram ao arbítrio dos grandes, dos poderosos e mais influentes: «Crianças não entram!»

Fecharam-se as escolas e nos seus jardins

definharam os roseirais. Secou o rosmaninho e o alecrim. As ervas daninhas tomaram conta do pátio escolar, dando abrigo às cobras e outros répteis perigosos e temíveis que passaram a rondar as poucas crianças que foram sobrando aos planeamentos rigorosos e ao bisturi.

Do campanário, hora a hora, o relógio sineiro vai quebrando o silêncio sepulcral do adro morto. Só lá ficaram os velhos que de voz enrouquecida vão cantando melodias tristes. Estão chorando a morte dos meninos que não chegaram a nascer e dos que tendo nascido são mal amados ou vivem amedrontados pelos fantasmas que passaram a povoar o seu pátio escolar. Era o Dia Mundial da Criança.

Padre João

em que vivem. Em devido tempo, tentámos salvá-los, mas eles não quiseram. Quando a avó lhes faltar, não sabemos como irá ser.

Que o nosso Pai Américo peça por todos nós, junto do Pai do Céu.

Olga e Valdemar

vive só), ou uma cómoda, mesmo usada por exemplo, entre pouco mais.

Num dos próximos números daremos conta da inauguração e mostraremos como era e como é a actual e renovada moradia.

Manuel dos Santos Machado

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS E FAMILIARES DO CENTRO

Este ano, por razões de datas disponíveis para o nosso habitual convívio anual em Miranda do Corvo, fomos obrigados a pensar no caso de forma diferente e resolvemos marcar a sua realização para 12 de Setembro, já que a organização do Euro-2004, as festas da Rainha Santa, em Coimbra, a seguir e as férias de muita gente em Julho e Agosto, não nos deixam outra hipótese e não querendo deixar de voltarmos ao Encontro, fica para já este alerta enquanto prometemos notícias mais tarde.

Também já se encontra pronta a recuperação da casa do «Palhacito», em Cadima — Cantanhede, faltando algumas coisas para a recheiar, como um pequeno fogão a gás (já que

ASSOCIAÇÃO DA COMUNIDADE «O GAIATO» DE SETÚBAL

ENCONTRO — A 13 de Junho (Domingo), na nossa sede, realiza-se a Assembleia Geral. A ordem de trabalhos é:

- 1 — Apresentação do relatório e contas;
- 2 — Novos corpos sociais;
- 3 — Assuntos diversos.

Esta Assembleia está prevista para as 15 horas. Depois, seguir-se-á uma merenda. Só é necessária a tua presença.

Em 4 de Julho é o nosso «famoso» Encontro na Casa do Gaiato de Setúbal. Gostaríamos de vos ter presentes, tanto num como noutro, porque temos de preparar as Bodas de Ouro. Só com a união de todos esse evento histórico fará a história de uma vida.

César Amante

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS DE LISBOA

É com muita tristeza que, mais uma vez, venho, através d'O GAIATO, informar que o nosso Manuel Macedo, mais conhecido pela alcunha de «Periquito», faleceu no dia 26 de Maio. Tinha 44 anos. Era bom rapaz, amigo do seu amigo, mas Deus assim quis e chamou-o para o Seu lado. De certeza que para onde foi, foi bem recebido e nós, «irmãos», só podemos fazer uma pequena coisa: rezar por ele. Que Deus te acompanhe Manuel.

Mais informo que, este ano, a Assembleia-geral não se concretizou na altura certa, por algum desatino da parte da Direcção; contudo, podem os associados ficar descansados que em breve mandaremos notícias.

Uma pequena lembrança: se algum associado mudar de direcção agradecemos que nos comunique para: Associação dos Antigos Gaiatos de Lisboa, Rua Padre Adriano, 2660-119 Santo Antão do Tojal. Isto para que o jornal não seja enviado em vão.

Luis Miguel Fontes

DOCTRINA



Acto de fé

AQUI há tempos fui entregar aos cuidados das Irmãzinhas dos Pobres, do Pinheiro Manso, um homem trôpego, a quem a devassidão envelhecera. Entrámos. A irmã porteira quis mostrar a casa. Primeiramente a despensa:

— Dizem que falta tudo. Aqui há tudo. Se temos cinco velhinhos, chega para cinco. Se temos cem, chega para cem. Hoje temos 211 e nada nos falta.

A irmãzinha porteira segue mais eu pelas dependências da casa. Por toda a parte se respira pobreza imaculada. Nos dormitórios, a par de mantas de retalhos, há enormes almofadas de penas onde os seus hóspedes reclinam fadigas. A irmãzinha porteira, já muito adiantada nos anos, na hora da despedida disse-me assim:

— Olhe, meu Padre, nós aqui procuramos em tudo ser justas e o resto vem-nos por esmola.

— Aonde aprendeu esta doutrina?

— No Evangelho.

— E a minha irmã acredita no Evangelho!

— Dava a vida por Ele — disse, em tom deliciosamente afirmativo.

BEM pudera ter dito «dei a vida». Porquanto há cinquenta anos que fizera um voto a Deus de servir os Pobres por Seu amor; e um acto destes implica sentença de morte gloriosa. Sim, bem pudera tê-lo dito. Mas disse «dava a vida». Disse no imperfeito, que a perfeição dos heróis do Evangelho consiste precisamente em chamar e considerar imperfeito o tempo que gastam e as passadas que dão.

ESTAMOS na presença de um Instituto de Caridade fundado há um século por uma humilde Criada de servir e hoje espalhado pelas cinco partes do mundo. Esta Mulher, que não sabia letras, tinha dentro de si a eminente ciência do amor e esta basta para realizar no mundo aquelas obras que pela sua grandeza não cabem dentro dela. Segundo a Régua deste Instituto não se podem aceitar heranças, nem legados, nem doações. Vive-se ali dentro do pão

ples, ao nível do Povo, mas com o mínimo de promoção e dignidade.

Fui levado à roça «Canta Galo» que o Governo nos pretendia oferecer. Que luxuriante, esmagadora e indescritível natureza!... 93 hectares todos eles de uma fecundidade inimaginável!...

Mas nós não podemos.

A Igreja de lá que se comprometa, animada por um espírito de pobreza e doação. Que realize, pois a origem da Força é a mesma da nossa. Naturalmente deixei o Bispo informado. D. Abílio sentou-me à sua mesa, que ele próprio pôs e me serviu, como dois pobres que se juntam para comer um macarrão com verduras acompanhado de peixe-voador.

A Igreja tem por lá muita heroicidade! Ai dos homens sem Ela! Ai de São Tomé se não fora a Igreja santa de Deus que suporta, ampara, anima e consola aquele Povo!...

Padre Acílio

de cada dia e reparte-se consoante; por isso mesmo «não nos falta aqui nada».

A maior parte das obras de beneficência costuma viver da desmarcada solicitude do que se há-de comer e do que se há-de vestir amanhã, medindo o limite da sua acção benfazeja pelos rendimentos em cofre. Erro. O capital tem sua missão determinada; dentro das obras pias, ele é uma absoluta anomalia. As obras que vivem dos seus rendimentos, à maneira de qualquer burguês, estão naturalmente sujeitas às mesmas vicissitudes que eles passam: «vem a traça, vêm os ladrões!»

A riqueza das Fundações tem ainda um outro mal, fruto da própria riqueza: atrai necessariamente a cobiça dos homens, não faltando quem se proponha servi-las e governá-las «zelosamente». Ou quem ainda, por zelo, converta e transforme os seus fundos. Para não irmos mais longe, falemos somente da Fundação onde hoje estamos instalados. Ela tinha um fundo de sete mil libras esterlinas. O ouro reluz e tenta, pelo que foi julgado medida muito acertada convertê-lo em papel. Tomei conta deste papel ao tomar conta da Fundação. Apresentei-me com ele, legalmente endossado.

— Que não. Se quiser receber os juros, tem que pôr o selo branco.

— Não tenho selo branco.

— Então tem de assinar o tesoureiro.

— Não tenho tesoureiro.

— Temos muita pena, mas não podemos pagar.

— Olhe meu senhor, «quem comeu a carne que roa os ossos». E andei. E desandei.

A pobreza é coisa tão santa, que ninguém lhe mexe! Hei-de fazer testamento: deixar uma Obra pobre, para servir as Classes Pobres; ligar a minha derradeira vontade aos meus continuadores que, por isso mesmo, têm de ser herdeiros da renúncia ao ouro e à prata, para bem merecerem este posto de sacrifício.

Irmã porteira do Pinheiro Manso, Deus lhe pague o bem que me fez com o seu estupendo acto de fé e com tamanho desejo de dar-se, que nem dá fé do que já deu!

D. Acílio 5/1

(Do livro Doutrina, 1.º vol.)

BENGUELA

Dia Mundial da Criança

ESTOU a escrever na véspera do Dia Mundial da Criança. Já comecei a vivê-lo. Logo de manhã, fui dar com o Délcio, com pouco mais de 7 anos, na cama da nossa enfermaria. Ao lado, uma tigela de leite quente e dois pães com manteiga. Dei-lhe a mão e saboreei com ele a primeira refeição do dia. Agradeceu com a serenidade no rosto e a alegria nos olhos de quem sabe que é amado e está seguro.

É preciso construir, de novo, o mundo destas crianças com rupturas tão profundas como o princípio da existência. O Délcio e o irmão Nuno, nasceram num campo de batalha: A casa onde vieram à luz do dia. A mãe morreu e o pai ficou perdido. O Dia Mundial da Criança deve abrir feridas tão dolorosas no corpo social como as feridas que queimam e destroem o tecido humano das vítimas inocentes: As Crianças. Encontramo-nos com elas e entendemo-las, quando nos fazemos como elas; quando celebramos a sua alegria com grandeza; as suas desgraças com amor sem limites, libertador. O dinamismo que nos arremessa para o meio da riqueza escondida no coração das crianças, como quem busca um tesouro,

nasce e cresce dentro de cada um de nós. De contrário, é passageiro, vazio, sem eficácia.

O Dia Mundial da Criança seja um despertar a rebentar com a crosta da indiferença, perante a sorte de milhões de crianças que nada têm, mas valem tanto como cada um de nós; merecem tanto carinho como os filhos mais queridos dos pais. És pai? És mãe? És filho ou filha? Vejo-as, todos os dias, mas não posso chegar a todas. A fome, a doença, a nudez, a morte prematura, são agulhões que nos deve manter em alerta permanente.

Ontem, Domingo, recebi a notícia, vinda do hospital, a comunicar que o pequenino internado, sem esperança de vida, «ressuscitou» e está curado. Levei-o, há oito dias, meio morto por causa da anemia em último grau. É uma criança abandonada pela mãe, entregue aos cuidados da avó, sem leite nem outra comida para lhe dar. Está salva! Quero celebrar convosco, desta maneira, o Dia Mundial da Criança. Que ninguém se escuse de fazer algo, sob pretexto de que são apenas alguns casos resolvidos, mas a multidão continua abandonada! Ah, se todos derem as mãos, o mundo das crianças,



Trabalham como quem brinca. Varrem as ruas da nossa Aldeia.

lentamente, será transformado. Acredito. Tenho esperança.

A nossa Casa foi escolhida, este ano, para a celebração da Festa do Dia. Meninos e meninas vão juntar-se, à volta de mil, vindos em representação das muitas escolas

que rodeiam a nossa Casa. São o sinal + do esforço que está a ser feito da parte oficial. Esta acção vale para manter a chama acesa a favor dos filhos mais novos de Angola. Também são vossos!

Padre Manuel António

PENSAMENTO

Se houver falência na civilização cristã é porque os cristãos têm medo do Evangelho.

PAI AMÉRICO

Dia Mundial das Comunicações Sociais

Continuação da página 1

mão». Compreendo que os comunicadores, hoje, têm de ser competitivos; mas não podem deixar de ser serenos. E se nem sempre ganharem a corrida, paciência..., já que não é essa a sua meta específica. Deixem-na aos atletas nos estádios. Lembrem-se de que hoje, e cada vez mais, a comunicação, sobretudo a escrita, é instrumento para os historiadores de amanhã. Não falseiem o trabalho deles. Sejam sérios, ainda que pelo preço de records não ganhos.

Na função de informar está contida uma função pedagógica que é constantemente atreçada quando, em vez de a temperar, se alimenta a índole fatalista do nosso Povo com o negativismo reinante quanto ao objecto e modo de informação. Porquê só desgraças pintadas com as cores mais tétricas, se neste mundo diverso e rico de contradições, há tanto bem, há tantos bons que não servem para notícia?!

É este o panorama que as gerações adultas e responsáveis abrem à juventude: Vazio de Bem onde o pessimismo prolifera; e, para fugir a ele, alienação. E depois queixam-se dela, da juventude rebelde, que tem muito mais razões para se queixar da sociedade que lhe dão, onde a própria Família está, e, intencional e sub-repticiamente, se procura que esteja fragilizada.

Bem sei que não confere com isto o imediatismo dos interesses que enforma o «mercado das comunicações». Por isso, bem compreendo a preocupação do Papa perante um mundo provido de meios técnicos admiráveis ao serviço de uma causa nobilíssima, a Comunicação entre os homens, que seria uma riqueza imensa para fortalecer os laços de Família humana que Deus quer se o diabo do dinheiro e das ambições dos homens se não metesse de permeio, sempre a fazer da riqueza, um risco.

Padre Carlos



O Alexandre no jardim, junto à estátua que ergueu o Neca, de Paço de Sousa.

Setúbal

Continuação da página 1

A família é o lugar onde se comunica a vida. A estabilidade para o crescimento só em ambiente familiar se pode dar e receber. Por isso a família é um bem perene.

O bem deve ser bem-feito. A criança sem família precisa de uma família. Não de uma assistência exterior mais de uma partilha de vida. Precisa de fazer todos os dias uma convivência em espírito familiar.

Não posso compreender nem aceitar que se possa espartilhar a vida da criança abandonada, nas fases do seu crescimento biológico e psicológico. As fases, quando muito, estabelece-as a natureza. A nós, compete-nos tudo fazer para que

se desenvolvam num todo que é a vida.

Têm razão os que defendem as famílias de adopção. Também as famílias de acolhimento, se for o interesse da criança o seu único interesse. Quando nos perguntam se de nós saem crianças para serem adoptadas, a nossa resposta diz o que somos com os nossos rapazes: «Como podemos dá-los para adopção se já os adoptamos quando para nós vieram?»

Agora, era preciso que a Lei de Menores respeitasse os nossos rapazes e a nossa vida. Quando no-los entregam, não houvesse um prazo como sempre há: «Acolhimento do menor a título provisório, e pelo período máximo de seis meses...» Quando os recebemos, damos-lhes o tempo todo, porque o tempo deles não tinha horas nem dias.

Padre Júlio

PÃO DE VIDA

Visitas

QUANDO reina a confiança nos encontros, as portas são franqueadas, à luz do dia. É uma grande riqueza confiar num jovem que, nas ruas, se habituou a sobreviver; e, agora, percorre o seu caminho, numa comunidade familiar.

Educar para a verdade e a responsabilidade, nomeadamente crianças desestruturadas, é um itinerário penoso, com deslizes e subidas íngremes, até à estatura humana.

A nossa vida decorre, naturalmente, com tensões adolescentes de inconformismo, em especial, na aprendizagem da ocupação saudável. As seduções da rua são, ainda, uma miragem.

Porém, em espaços rasgados e frescos, ressoam ecos de alegria esfuziante, da liberdade dos filhos renegados. Não vivemos afastados da vida a crescer, separados da Criação.

A longa avenida desta Casa está emoldurada por um pórtico, sem ostiário, porque o santuário humano em que vivemos, se encontra ligado às ruas das urbes, para resgatar alguns daqueles que são chamados a deixar as tendas de cartão e os males modernos.

A porta aberta continua uma novidade, rara, que caracteriza estas Casas, vai para 70 anos. Rapazes acompanhados, não domados.

É uma realidade mais que imperfeita e em movimento contínuo; e que os nossos Amigos anseiam por visitar. Não se trata de um museu de arte, estático.

Havia autênticas romarias para ver, *in loco*, a comunidade nos seus labores, sob o signo da Cruz, instalada em granito bem picado.

Os anos rolaram e continuam a ser muitas as pessoas que se aproximam deste vale, em demanda do espírito que anima esta *desorganização*. Viver com rapazes marcados pela rejeição, carecidos de orientação e carinho, é um desafio que desperta uma sã curiosidade. O crescimento dos visitantes parece acentuar-se com as perseguições. Trazem compreensão e alento.

São tantas as crianças das excursões escolares e da catequese, que é preciso agendar, para não haver atropelos. Avisa-se aos incautos que esmolar é um delito grave.

Respeitar o ambiente e os tempos de trabalho, estudo e convívio dos rapazes, para que não descarrile o ritmo diário, permite melhorar esta tradição, em nossas Casas.

Algumas laranjas, colhidas com ternura, traziam um belo recado: *Crianças — sorriso de Deus!* Os nossos não precisam tanto de açúcares, mas da doçura de uma mãe.

Chegam, também, casais novos, com rebentos felizes, demonstrando que o Matrimónio é uma provocação com futuro, para a transmissão da vida humana.

Os bens, para distribuir, e as súplicas, segredadas, tocam-nos a desfiar as contas e a colocar na pedra de ara, do Sacrifício, as vidas amargas, que já partiram e de quem testemunha que a Obra é aberta, do povo e de Deus!

Padre Manuel Mendes